

E onde estão as mulheres negras? - Uma reflexão acerca da participação das jornalistas negras na cobertura das copas de 2019 e 2023 no Esporte Espetacular¹

Joice Danielle Nascimento Pereira²

Sérgio Ricardo Soares Farias Silva³

Universidade Federal do Tocantins - UFT

RESUMO

Este trabalho, desdobramento do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins, tem como objetivo principal propor uma discussão acerca da participação das jornalistas negras no Jornalismo Esportivo. Neste texto, observa-se as coberturas das Copas do Mundo de Futebol Feminino de 2019 e 2023 no programa Esporte Espetacular (EE) da TV Globo. Para alcançar tal propósito, utilizou-se a metodologia de Análise de Conteúdo, associada ao método comparativo, sobre as dez edições do referido programa, que foram exibidos durante o período das copas nos referidos anos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Esportivo; Mulheres Negras; Copa do Mundo Feminina; TV; Esporte Espetacular.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Em janeiro de 2024, o universo do futebol brasileiro foi movimentado quando a atual presidente do Palmeiras, e única mulher à frente de um dos grandes clubes da elite do futebol brasileiro, Leila Pereira, concedeu uma entrevista coletiva apenas para jornalistas mulheres na Academia de Futebol do clube paulista. A iniciativa da gestora, até então, a única nesse formato, chamou a atenção, gerou debate e questionou o imperativo masculino na cobertura esportiva, sobretudo no quesito futebol. No entanto, a coletiva também expôs e abriu margem para outra discussão: a ausência de mulheres negras dentro da editoria de Jornalismo Esportivo. Isto porque, das 26 jornalistas esportivas presentes na coletiva, apenas uma era negra, Duda Gonçalves, que na época, representava a ESPN.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins. Bacharel em Jornalismo na mesma instituição. Integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia – Nepjor (CNPq/UFT). Email: joicedanielle.nascimento@gmail.com

³ Professor associado do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins. Doutor em Ciências da Comunicação (UBI/Portugal), mestre em Letras (UFPE) e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (UFPE). Líder do Coletivo de Estudos das Diversidades Audiovisuais – Outocampo (CNPq/UFT) e integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia – Nepjor (CNPq/UFT). Email: sergio.rsoares@uft.edu.br

A partir do cenário exposto pelo evento citado, é interessante observar como ausência ou presença reduzida de mulheres negras na editoria esportiva, principalmente atuando em frente às câmeras, contrasta com os dados reunidos pelo último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2022, que aponta que mais de 55% da população brasileira se declara preta ou parda. No entanto, quando o foco é direcionado para a realidade das redações jornalísticas do país, embora os percentuais de profissionais negros, pardos e indígenas venham aumentando gradativamente, os dados trazidos pelo estudo Perfil Racial da Imprensa Brasileira de 2021 mostram que apenas 20,10% dos jornalistas que atuam em redações, se declaram como pretos ou pardos.

Voltando à discussão central, é inegável que a presença das jornalistas venha aumentando progressivamente na editoria de Jornalismo Esportivo e que, o interesse acerca do estudo desse cenário tenha produzido avanços significativos, seja na forma como as mulheres estão sendo representadas nos espaços ocupados dentro das dinâmicas da editoria, seja no número de pesquisas que se dedicam ao estudo da presença feminina nesta área do Jornalismo nos últimos anos. Mas, o fato de em 2024 uma entrevista coletiva exclusiva para mulheres ter apenas uma mulher negra faz ecoar a pergunta: onde estão as mulheres negras na cobertura esportiva? E foi exatamente esse mote, que levou a um outro olhar para o objeto de estudo explorado no Trabalho de Conclusão de Curso que iniciou esta pesquisa e que agora ganha novos aspectos.

RACISMO, EXIGÊNCIA DA “BOA APARÊNCIA” E A RELAÇÃO COM A TV

Rafaela Cristina de Souza (2024) indica que a presença das mulheres negras na editoria de Jornalismo Esportivo, sobretudo no contexto brasileiro, ainda é pouco abordada e aprofundada em investigações acadêmicas. Para a pesquisadora, é fato que as mulheres negras ocupam posições marginalizadas em diferentes espaços, mas quando o olhar se direciona para a cobertura de esportes no Brasil, a situação se intensifica. Esse contexto não pode ser dissociado do racismo, visto que as jornalistas negras sofrem com a “natureza interligada da opressão de gênero e raça que fazem com que elas tenham menos oportunidades no Jornalismo Esportivo” (Souza, 2024, p.18). Tal perspectiva também é defendida pela socióloga feminista Heleieth Saffioti (2015), que aponta como

gênero, racismo e classe social se entrecruzam e impactam fortemente na realidade das mulheres.

Considerando especificamente a questão do racismo no Brasil, Lélia Gonzalez (2020) traz uma perspectiva importante para a discussão. A intelectual e uma das principais ativistas do movimento negro brasileiro aponta que no país, “o racismo — enquanto construção ideológica e um conjunto de práticas — passou por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravidão, na medida em que beneficiou e beneficia determinados interesses” (Gonzalez, 2020, p.28). A instituição do conceito de uma necessidade de uma boa aparência para busca por empregos, por exemplo, é destacada pela autora como um dos fatores pelos quais faz com a mulher negra seja preterida, visto que essa descrição de boa aparência implica dizer que há uma preferência por mulheres brancas e valores estéticos brancos.

Quando esse ponto mencionado pela autora é sobreposto ao cenário do Jornalismo Esportivo na TV aberta, em relação às mulheres negras, as definições encontram seus fundamentos. Trabalhos como o de Karina Santos e Nair Prata (2023) destacam a existência de um certo padrão que prevalece, quando observamos a atuação das mulheres em frente às câmeras no Jornalismo Esportivo. De acordo com as pesquisadoras, a imensa maioria das profissionais que atuam nessa área “são mulheres brancas, magras, de cabelo liso e loiras” (Santos; Prata, 2023, p.8). Santos e Prata (2023) pontuam ainda que, pelo fato de que tais características físicas serem historicamente mais valorizadas e aceitas no país, esse padrão pode operar como um elemento que dificulta a inserção e permanência de mulheres negras na editoria.

Leonardo Turchi Pacheco e Silvio Ricardo Silva (2020) também discutem o que chamam “racismo casual nas relações entre jornalistas, atletas, treinadores e dirigentes” e explicitam o fato de que as jornalistas negras sofrem com o machismo e racismo ao mesmo tempo. Para os pesquisadores, além da dupla alteridade da mulher negra, submetida ao “machismo e ao racismo concomitantemente”, a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e as limitações impostas pelos padrões de beleza e ‘boa aparência’ para o recrutamento “parecem ser indícios para pensar tanto na ausência dessas mulheres no campo do Jornalismo Esportivo, quanto no desconforto em tornar visível a variável raça em suas declarações” (Pacheco; Silva, 2020, p.4). Ou seja, existe também a ação do silenciamento sobre essas mulheres.

Helena Miranda e Camila Silva (2017) indicam ainda que as mulheres tendem a ocupar um papel secundário quando estão trabalhando espaços de cobertura majoritariamente masculina como o futebol, por exemplo. Analisando os programas esportivos apresentados por mulheres, apontam que é exigido uma espécie de “padrão de beleza para TV”. Isso é refletido nas roupas, maquiagens e acessórios usados pelas apresentadoras durante as apresentações, além da “imagem estereotipada da jornalista esportiva bela e dentro dos padrões de beleza permitidos”, que perpassa também por uma postura mais comedida, bem-humorada e simpática (Miranda; Silva, 2017, p. 12-13), postura essa que geralmente se afasta da imagem da mulher negra, que é reproduzida frequentemente como raivosa e agressiva.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA E O OBJETO

Para ancorar a reflexão proposta por este trabalho, tomou-se como base a observação das edições do Esporte Espetacular (EE), a revista semanal dedicada aos esportes da TV Globo e que vai ao ar todos os domingos. O recorte estabelecido foi o período entre as Copas do Mundo de Futebol Feminino da FIFA de 2019 e 2023. Assim, foram analisadas 10 edições do EE, exibidas entre 07 de junho e 07 de julho de 2019, e pelas edições exibidas entre 20 de julho e 20 de agosto de 2023. O material de análise foi viabilizado pelo Globoplay, plataforma digital em que a Globo disponibiliza seu catálogo de programação. Vale ressaltar que o EE é descrito como o programa esportivo mais antigo da TV Globo no ar, e, além de trazer reportagens especiais, quadros e um resumo semanal dos acontecimentos do mundo do esporte, também trabalha com a transmissão na íntegra ou parcial de eventos esportivos durante o programa.

Quanto à técnica de pesquisa, a opção pela metodologia de Análise de Conteúdo (AC) se deu por se tratar de um método que abrange várias áreas do campo comunicacional e por possibilitar a verificação, quantificação e uma avaliação qualitativa da presença das mulheres negras na abordagem do tema Copa do Mundo, dentro do programa. Laurence Bardin (2016) destaca que a AC pode ser entendida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Para Bardin, a AC compreende “um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (Bardin, 2016, p.34). Ademais, a análise também foi corroborada pelo

método comparativo que possibilitou uma reflexão sobre a participação das mulheres negras na cobertura das Copas nos dois períodos analisados.

AS EDIÇÕES SOB ANÁLISE

Em relação às edições analisadas no ano de 2019, um dos primeiros pontos a serem considerados é que não houve a participação de mulheres negras nas dinâmicas da cobertura da Copa do Mundo, considerando o trabalho em frente às câmeras. Embora a emissora destacasse dentro do próprio EE que a referida Copa seria “a Copa das mulheres na Globo”, apenas as repórteres Carol Barcellos e Lizandra Trindade e a comentarista Ana Thaís Matos são apresentadas como as “mulheres da Globo na Copa”, ignorando a questão da diversidade. Ou seja, todas profissionais escaladas para tratar dos assuntos da Copa no referido ano, eram brancas, e que perpassam pelo padrão da “boa aparência” citado anteriormente pelos estudiosos do tema, mesmo em um momento em que havia uma ebulição das discussões sobre equidade e diversidade no universo esportivo

Foto 01 – Apresentação das jornalistas que cobriram a Copa no EE em 2019



Fonte: Reprodução Globoplay, 2025.

Na observação das edições analisadas no ano de 2023, pode-se observar algumas mudanças. A cobertura do evento no EE contou com a participação da apresentadora Karine Alves e da repórter Denise Thomaz Bastos, ambas mulheres negras, entre as dez mulheres que participaram da cobertura no referido ano. No entanto, é preciso fazer algumas ponderações sobre essas participações. Na dinâmica de reportagem, função ocupada por Denise Thomaz Bastos, entre as cinco edições, a jornalista participou de duas reportagens factuais e não fez nenhuma entrada ao vivo dentro do EE em todo o período de cobertura da Copa. As interações e discussões se concentraram principalmente nas palavras de Renata Mendonça, Bárbara Coelho, Ana Thaís Matos e Renata Silveira.

Quando o enfoque é colocado sobre a participação da apresentadora Karine Alves, é preciso considerar que a apresentadora ocupa o espaço no estúdio da apresentadora Bárbara Coelho, que foi designada para cobrir o evento *in loco*, diretamente da Austrália e da Nova Zelândia, os países-sede do evento em 2023. Na edição do dia 06 de agosto de 2023, o programa foi dividido entre as abordagens tradicionais e as interações com os atendimentos de telefonemas para a campanha “Criança Esperança”, ação anual da TV Globo. Nessa configuração, foi a apresentadora Karine Alves a escolhida para interagir com os atletas que participaram da campanha em um cenário temático, ficando fora das discussões envolvendo a Copa, enquanto o apresentador Lucas Gutierrez conduziu a apresentação do EE.

Foto 02– Karine Alves durante apresentação do Criança Esperança no EE



Fonte: Reprodução Globoplay, 2025.

Já na última edição do EE analisada em 2023, em suas considerações finais, Karine encerra as discussões sobre a Copa no programa enfatizando que, para os próximos mundiais, quer ver mais diversidade e representatividade na cobertura do futebol de mulheres. Diante do cenário exposto, e tomando como parâmetro o olhar da própria apresentadora ao tecer tal comentário enquanto integrante deste meio, reforça a percepção de uma baixa representatividade em relação às mulheres negras dentro do Jornalismo Esportivo. Ou seja, a própria apresentadora reconhece as dificuldades que permeiam o caminho das mulheres negras para conquistarem espaços na carreira esportiva e reflete a baixa participação dessas mulheres na própria cobertura da Copa.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir dessa observação inicial, foi possível inferir, comparando os dois períodos, que, embora a presença de mulheres tenha aumentado na cobertura das Copas de uma edição para a outra, a presença das mulheres negras ainda permaneceu em um

número muito inferior ao de mulheres brancas atuantes. Também foi possível observar a questão da secundarização da atuação das mulheres negras, tendo em vista os lugares ocupados por elas dentro da cobertura. Nessa conjuntura, faz-se preciso pensar também a intercessão dessa realidade das mulheres negras como jornalistas esportivas, com suas vivências, bem como as estruturas dos meios de comunicação, e verificar indícios sobre as dificuldades que as mulheres negras encontram para se inserirem na área.

Considerando esta discussão, esse preâmbulo merece ser mais aprofundado para compreender as barreiras que impedem as mulheres negras de ocupar e permanecer nesses espaços. Além disso, é preciso avançar no debate do tema para combater a tentativa de mascarar a falta de mulheres negras na editoria de Jornalismo Esportivo, com o que muitos autores chamam de “a presença da negra única”, muitas vezes entendida como sinal de inclusão, quando, na verdade, outras mulheres negras estão sendo impedidas de alcançar esses espaços. Dar vazão a essas pesquisas também colabora para interromper o processo de invisibilização das mulheres negras que já ocuparam esses espaços. Como exemplo disso, pode-se citar o imaginário do senso comum que ignora a passagem de Lica de Oliveira como apresentadora do EE, e considera apenas Karine Alves como apresentadora negra da atração em (até agora) 50 anos de programa no ar.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.

BELANDI, Caio; GOMES, Irene; CÂNDIDO, Jessica; GIL, Brisa. **Censo 2022**: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. 2023. Agência IBGE Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 18 set. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JORNALISTAS & CIA. **Perfil Racial da imprensa brasileira**. 2021. Disponível em: https://www.jornalistasecia.com.br/files/perfilracialdaimprensabrasileira.pdf?utm_scroll=0. Acesso em: 16 set. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MIRANDA, Helena Caroline; SILVA, Camila Diane. **Nas linhas do Campo: A participação feminina em programas esportivos com comentaristas**. Intercom – Sociedade Brasileira de

Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, 2017.

NUNES, Maíra. **Leila incomodou em coletiva só para mulheres**. 2024. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2024/01/16/leila-incomodou-em-coletiva-so-para-mulheres/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Silvio Ricardo da. “Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SANTOS, Karina; PRATA, Nair. **Rompendo barreiras: a inserção da mulher negra no jornalismo esportivo brasileiro**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belo Horizonte, 2023.

SOUZA, Rafaela Cristina de. E eu não sou uma mulher? Uma análise sobre a invisibilidade de mulheres negras no jornalismo esportivo. In: **Gênero, Mídia e Esportes: o que os feminismos têm a dizer sobre as práticas, o consumo e as vivências esportivas**. Maceió: Kattleya Editora, 2024.